

Setúbal Arqueológica
vol. 20



O CASTRO DE CHIBANES NA CONQUISTA ROMANA

Intervenções arqueológicas de 1996 a 2017



O CASTRO DE CHIBANES NA CONQUISTA ROMANA

Intervenções arqueológicas de 1996 a 2017

Coordenação
Carlos Tavares da Silva
Joaquina Soares



Setúbal Arqueológica

Vol. 20 | 2021

Propriedade	MAEDS/AMRS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/ /Associação de Municípios da Região de Setúbal
Direcção	Carlos Tavares da Silva Joaquina Soares
Coordenação do volume	Carlos Tavares da Silva Joaquina Soares
Capa	Ana Castela
Desenho de campo	David Jesus, Jorge Feio, Jorge Costa [†] , Júlio Costa e Teresa Rita Pereira
Desenho de materiais	Françoise Mayet, Inês Conde, João Pimenta e Teresa Rita Pereira
Mapas	Paula Covas
Fotografia	Arquivo MAEDS, Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares e Rosa Nunes
Inventário	Fernanda Fino, Teresa Rita Pereira, Susana Duarte e Virgínia Ajuda
Restauro	Paula Palmeira
Paginação e artes finais	Ana Castela e Paula Covas
Impressão	Tipografia Belgráfica Lda.

Informações e permutas Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal
Avenida Luisa Todi, 162 - 2900-451 Setúbal (Portugal)
Tel.: +351 265 239 365/265 534 029
E-mail: maeds@amrs.pt
Site: <http://maeds.amrs.pt/>
Blog: <http://maedseventosactividades.blogspot.pt/>

ISSN 0872-3451

Depósito Legal 494630/22

Copyright® Setúbal Arqueológica e autores, 2021
Todos os direitos reservados. Este livro ficará disponível em
open access: <http://maeds.amrs.pt/setubalarqueologica.html>

LISTA DE AUTORES

Adriana Leite

Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution of Human Behaviour (ICArEHB; Universidade do Algarve)
<https://orcid.org/0000-0001-6721-743X>

Ana Elisabete Pires

Grupo ARCHGEN, BIOPOLIS/CIBIO-InBIO, Universidade do Porto.
ana.elisabete.pires@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1118-8569>

Anders Götherström

Centre for Palaeogenetics, Stockholm University, Sweden.
<https://orcid.org/0000-0001-8579-1304>

Antónia Coelho-Soares

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal.
antonia.c.soares@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-6361-7062>

Carlos Tavares da Silva

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – UNIARQ.
ctavaressilva@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-0447-9237>

Catarina Ginja

Grupo ARCHGEN, BIOPOLIS/CIBIO-InBIO, Universidade do Porto.
catarinaginja@cibio.up.pt
<https://orcid.org/0000-0003-2278-7089>

Cleia Detry

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
cleiadetry@campus.ul.pt
<https://orcid.org/0000-0002-5359-2500>

Elisa de Sousa

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
e.sousa@campus.ul.pt
<https://orcid.org/0000-0003-3160-108X>

João Pimenta

Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira (CEAX). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – UNIARQ.
joao.marques@cm-vfxira.pt
<https://orcid.org/0000-0001-5149-5566>

Joaquina Soares

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – UNIARQ.
joaquinasoares1@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5957-3354>

José Antonio Correa Rodríguez

Catedrático Emérito de la Universidad de Sevilla
jacorrea@us.es

Maria Leonor Ferreira

Faculdade de Ciências, Universidade do Porto.
<https://orcid.org/0000-0002-5991-4101>

Noé Conejo

Departamento de Prehistoria y Arqueología. Universidad de Sevilla
nconejo@us.es
<https://orcid.org/0000-0002-4367-5695>

Ricardo Miguel Godinho

Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution of Human Behaviour (ICArEHB; Universidade do Algarve)
<https://orcid.org/0000-0003-0107-9577>

Sílvia de Lima Guimarães Chiarelli

Grupo ARCHGEN, BIOPOLIS/CIBIO-InBIO, Universidade do Porto.
<https://www.cienciavtae.pt/portal/FE19-D7B4-3750>

Silvia Valenzuela-Lamas

Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC), Institució Milà i Fontanals, Archaeology of Social Dynamics, Barcelona, Spain.
<https://orcid.org/0000-0001-9886-0372>

Susana Duarte

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal.
cea.maeds@amrs.pt
<https://orcid.org/0000-0001-6071-9680>

Susana Estrela

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
estrela.susana@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1303-0829>

Teresa Rita Pereira

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – UNIARQ.
t.pereira.maeds@amrs.pt
<https://orcid.org/0000-0003-2764-7210>

Vincenzo Soria

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
vinso84@hotmail.it
<https://orcid.org/0000-0002-2891-6681>

ÍNDICE

- 9 O SÍTIO, A PAISAGEM, OS ECOFACTOS...**
- 11 I. Introdução**
Joaquina Soares
Carlos Tavares da Silva
- 27 II. Chibanes. As campanhas de 1996-2017 e a periodização da ocupação humana**
Carlos Tavares da Silva
Joaquina Soares
Antónia Coelho-Soares
Susana Duarte
Teresa Rita Pereira
- 45 III. Chibanes. Organização do espaço edificado durante a Idade do Ferro e o Período Romano Republicano**
Carlos Tavares da Silva
Joaquina Soares
Susana Duarte
- 65 IV. Contextos antropológicos do Castro de Chibanes**
Ricardo Miguel Godinho
Adriana Leite
- 73 V. Enterramentos infantis em espaço residencial**
Joaquina Soares
Susana Duarte
- 77 VI. O estudo da fauna dos níveis da Idade do Ferro do Castro de Chibanes (Palmela, Portugal)**
Cleia Detry
Carlos Tavares da Silva
Joaquina Soares
- 87 VII. Genomic analysis of cattle from the Roman Republican fortification of Chibanes, Palmela, Portugal**
Maria Leonor Ferreira
Sílvia de Lima Guimarães Chiarelli
Joaquina Soares
Carlos Tavares da Silva
Cleia Detry
Silvia Valenzuela-Lamas
Anders Götherström
Ana Elisabete Pires
Catarina Ginja
- 103 CULTURA MATERIAL: CERÂMICA**
- 105 VIII. As taças helenísticas com decoração a molde**
Elisa de Sousa

- 109 IX. A cerâmica tipo Kuass
Elisa de Sousa
- 113 X. Caracterização morfo-estratigráfica das cerâmicas de verniz negro itálico e imitações de Chibanes
Vincenzo Soria
- 121 XI. Chibanes. Cerâmica de paredes finas
Antónia Coelho-Soares
- 131 XII. A cerâmica cinzenta
Elisa de Sousa
- 149 XIII. A cerâmica comum
Elisa de Sousa
Teresa Rita Pereira
- 229 XIV. As ânforas de Chibanes
João Pimenta
- 279 XV. Fiação, tecelagem e costura
Teresa Rita Pereira
Joaquina Soares
Carlos Tavares da Silva
- 293 XVI. Signos epigráficos en Chibanes (Palmela)
José Antonio Correa Rodríguez
- 303 METAIS, NUMISMAS E ADORNOS**
- 305 XVII. Os artefactos metálicos
Teresa Rita Pereira
- 347 XVIII. Uso y circulación de moneda en Castro de Chibanes (Palmela, Setúbal): siglos II – I a.C.
Noé Conejo
- 357 XIX. Adornos de Chibanes
Susana Estrela
- 377 INTEGRAR E CONCLUIR**
- 379 XX. Cultura material e sociedade: as conclusões possíveis
Joaquina Soares
Carlos Tavares da Silva

Fiação, tecelagem e costura

Teresa Rita Pereira*
Joaquina Soares**
Carlos Tavares da Silva***

Por produção têxtil compreendem-se todas as actividades relacionadas com a produção de tecidos, cuja importância será facilmente compreendida pela necessidade premente de confeção de vestuário, cobertas, cordas, tendas e sacaria. Estas actividades, sempre conotadas com a esfera feminina (Wild, 2002, p. 8), não são directamente associadas a ambientes militares, no entanto, este afigura-se como um sector de actividade fundamental para o desempenho do exército. Há assim que compreender e ponderar que a elevada especialização deste sector económico deveria requerer a presença de um grupo de civis, produtores e fornecedores do exército (Kolbeck, 2018). Em contexto de quartelamento militar, parece-nos, pois, verosímil que tenha existido um abastecimento pontual de produtos locais, bem como o fornecimento de determinados serviços por parte dos civis que habitavam os territórios ocupados ou a envolvimento dos mesmos. A produção têxtil deveria assim tratar-se de uma produção oficial/militar própria, justificada pela necessidade premente de vestuário adequado ao desempenho das funções militares, arranjos do mesmo, bem como o fornecimento constante de mantas, tendas, sacaria e cordoaria.

No caso de Chibanes, a presença de um conjunto de 100 cossoiros, maioritariamente associados aos contextos habitacionais, bem como a presença de pesos de tear e agulhas metálicas parece de facto indiciar a presença de elementos do género feminino nestes espaços. Assim, a presença deste conjunto de elementos cerâmicos e metálicos relacionados com a

actividade têxtil, será justificada pelo consumo destes bens pelas comunidades pré-instaladas, bem como pela necessidade das tropas ali estacionadas se abastecerem de tecidos que as protegessem das intempéries, e que permitissem a produção de sacos de transporte, toldos e outros usos variados (Castro Curel, 1985, p. 230). Apesar de admitirmos que esta actividade têxtil possa ter ocupado ambos os géneros, uma vez que os processos de preparação e produção são bastante vastos (*ibidem*), no caso das actividades de fiação e tecelagem, estas são, à imagem da cultura greco-latina, associadas ao género feminino (*vide* Fernández García, 2009, p. 32-39).

Passaremos agora à análise dos aspectos técnicos e morfológicos de cada um destes conjuntos de elementos pertencentes à categoria dos utilitários de têxteis exumados em contextos proto-históricos e romano-republicanos do povoado de Chibanes.

Cossoiros

Chibanes oferece um conjunto de 100 cossoiros com morfologias e pesos distintos, bem como uma dispersão espacial por vários *Loci* e transversais às três fases de ocupação, uma vez que foram recuperados quer nas camadas datadas da Idade do Ferro, como nas camadas associadas às duas fases de ocupação do período romano-republicano. Deste conjunto, 95 elementos são provenientes das escavações arqueológicas realizadas pelos MAEDS, e os restantes cinco, das escavações antigas de A. I. Marques da Costa (1910, p. 67, fig.

* MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – UNIARQ. t.pereira.maeds@amrs.pt | <https://orcid.org/0000-0003-2764-7210>

** MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal | AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – UNIARQ. joaquina-soares1@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-5957-3354>

*** MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal | AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – UNIARQ. ctavaressilva@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-0447-9237>

498-502). Por cossoiro (*l. vorticellum*), ou fusaiola, entende-se o objecto - que neste caso é exclusivamente cerâmico - com uma forma esférica, discóide ou troncocónica que apresenta no centro um orifício transversal onde era introduzido o fuso propriamente dito - que poderia ser de madeira, osso ou metálico. Os cossoiros eram colocados na extremidade inferior do fuso, cujo movimento giratório, associado a um peso específico permitia a produção de inércia necessária para a criação do fio. Assim, este movimento permitia a transformação de um manelo/mecha de fibras, previamente tratadas, em um fio contínuo que resultará no concebimento de um novelo/meada. Na roca também poderia ser colocado um cossoiro que serviria como uma espécie de guarda-mão para acondicionamento dos fios.

Apesar deste conjunto se afigurar bem menor do que o recuperado em Cabeça de Vaiamonte (Monforte, Portugal), com um total de 1660 cossoiros cerâmicos e líticos (Fabião, 1996, p. 51; Pereira, 2013; 2018), os nossos 100 exemplares aproximam-se do conjunto proveniente de Castrejón de Capote (Badajoz, Espanha) que contava com 127 exemplares (Berrocal-Rangel, 1989, p. 254).

A cerâmica foi a matéria-prima escolhida para o fabrico de todo o conjunto, sendo que a maioria foi obtida com recurso a técnicas de modelagem (56 NMI = 56%), apesar de um grupo considerável de 38 cossoiros (= 38%) poder ter sido obtido por molde e um exemplar a torno, fruto de reaproveitamento de fundo de cerâmica comum (= 1%). Estas últimas técnicas manifestam-se pelas arestas regulares, pelas secções simétricas e, no caso dos exemplares obtidos a torno, apresentam as marcas típicas da rotação da roda de oleiro. Os orifícios apresentam-se maioritariamente de feição circular (76 NMI = 76%) e centrados (56 NMI = 56%) e deverão ter sido obtidos por rotação rápida com instrumentos cilíndricos e cónicos. Para além dos orifícios de secção transversal circular, verificou-se ainda a existência de alguns exemplares com secção ovalada (13 NMI = 13%), circular/ovalado (1 NMI = 1%). Um exemplar, que resultou do reaproveitamento de fragmento de cerâmica, apresentou orifício com perfil bitroncocónico; esse orifício foi aberto a partir de ambos os lados da parede do fragmento já cozido, em oposição aos orifícios de perfil cilíndrico ou cónico elaborados sobre a pasta fresca.

Os diâmetros destas perfurações apresentam-se geralmente distintas entre o topo e a base, ocorrendo por vezes um estreitamento na base que sugere uma perfuração no sentido topo-base após a secagem da

peça mas antes da sua cozedura. A presença de 22 cossoiros (= 22%) que apresentam orifícios descentrados, deveria dificultar o movimento de inércia pretendido, mas não deveriam ser impedimento para a sua utilização, uma vez que estas peças apresentam evidentes marcas de uso em pelo menos seis dos exemplares. Estas marcas de uso são visíveis nos rebordos dos orifícios pela presença de pequenos entalhes que evidenciam a passagem da haste do fuso e/ou a introdução de pequenos calços que facilitavam a fixação do cossoiro na madeira do fuso em que era introduzido (Berrocal-Rangel, 2003, p. 224). O rebordo dos orifícios apresenta-se geralmente alisado, sendo observáveis algumas imperfeições de acabamento em dois exemplares.

FABRICOS

Uma vez que a grande maioria destes exemplares apresenta um perfil completo, optámos por não apresentar grupos técnicos de fabrico, apesar de pela análise das superfícies e dos exemplares fragmentados, as características parecem apontar, na esmagadora maioria (94 exemplares) para produções locais-regionais, registando-se apenas uma possível importação de pasta cinzenta (5Y 7/1) muito depurada. Na sua maioria, e no que diz respeito às produções locais-regionais, estamos a falar de um fabrico cujo ambiente de cozedura seria pouco controlado, com momentos de oxidação e de redução da atmosfera, o que lhes confere tonalidades que variam entre os vermelhos acastanhados e os negros (7.5YR 6/4 - 7.5YR 3/1), com superfícies muitas vezes manchadas e geralmente bem alisadas.

TIPOLOGIA

Para o estudo formal e de variedade tipológica, optámos pelo sistema aberto criado por Zaida Castro Curel (1980, p. 138) para os cossoiros dos povoados ibéricos, baseado nas formas geométricas primárias - esfera, cone e cilindro, que definem o tipo (A-I). Assistimos neste conjunto a uma primazia das formas bitroncocónicas assimétricas, que representam 59% (59 NMI) e que a nível funcional são muito mais eficientes do que as cónicas e/ou cilíndricas (Berrocal-Rangel, 2003, p. 224), que aqui se encontram representadas por 12% (12 NMI) do total do conjunto. As formas bitroncocónicas simétricas representam 14%. A primazia das formas bitroncocónicas assimétricas identifica-se igualmente em outros sítios arqueológicos com ocupações da Idade do Ferro e do Período Romano Republicano, como Los Castellares/Mira (61,4%) (De

TIPO	FASE II	FASE IIIA	FASE IIIB	FASE II-IIIind	NMI %
A Esférico	1 20 %	1 4,55 %	1 1,96 %	1 4,5 %	4 NMI 4 %
B Cilíndrico				1 4,5 %	1 NMI 1 %
C Cónico			7 13,73 %	4 18,3 %	11 NMI 11 %
D Bitroncocónico simétrico		3 13,64 %	9 17,65 %	2 9,1 %	14 NMI 14 %
E Bitroncocónico assimétrico	4 80 %	17 77,27 %	27 52,94 %	9 41 %	57 NMI 57 %
F Bitroncocónico assimétrico inverso			1 1,96 %	1 4,5 %	2 NMI 2 %
G Cilíndrico-esférico			2 3,92 %	1 4,5 %	3 NMI 3 %
H calote esférica		1 4,55 %	2 3,92 %	3 13,6 %	6 NMI 6 %
I Dupla calote esférica			2 3,92 %		2 NMI 2 %
	5 NMI 5 %	22 NMI 22 %	51 NMI 51 %	22 NMI 22 %	100 NMI

Fig. 1 – Chibanes. Quadro com os grupos tipológicos (Castro Curel, 1980) dos cossoiros, com representação do NMI e da percentagem por Fases de ocupação.

Sus Giménez, 1986, p. 187), Puig d'én Rovira/La Creueta (62,5%), Castell de la Fosca/Palamós (54,5%), Cabezo de Alcalá/Azaila (80%) (Castro Curel, 1980, p. 136 e 140), Cáceres el Viejo (75%) (Pereira, 2021a), Castelo da Lousa/Mourão (51,2%) (Pinto e Schmitt, 2010, p. 324-327, Est. CXL-CXLIII), necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (44,6%) (Gomes, 2017, p. 49), Porto de Sabugueiro (Pereira, 2016-17, p. 71), Alto dos Cacos (Sousa *et al.*, 2016-2017, p. 28, fig. 15), Monte dos Castelinhos (Pimenta, 2013, p. 74-75, n.º5

21-33) e em Cabeça de Vaiamonte/Monforte (50,3%) (Pereira, 2013). No Castro de Segóvia/ Elvas (Bargão, 2017, p. 46), esta forma regista apenas 29,6% do conjunto, existindo uma clara preferência pelas formas esféricas, cónicas e troncocónicas. O cossoiro de tipo “*cefalóide*” (Castro Curel, 1980, p. 140), correspondente ao tipo I, parece tratar-se do único cossoiro importado e cuja forma não é muito comum, reconhecendo-se paralelo por exemplo em Cerro de San Miguel de Liria (Vidal y López, 1952, p. 153-154) e Coimbra de Barranco Ancho (Molina García, Molina Grande e Nordstrom, 1976).

DIMENSÕES E PESO

Os cossoiros apresentam uma altura que varia entre os 0,95 e os 3,85 cm, sendo a média e a moda de 2 cm. Os diâmetros variam entre 1,9 e 6,3 cm. Já o peso dos 52 exemplares, de perfil completo, oscila entre os 7,14 e os 53,04 g. Sabemos da importância do peso para a formação do fio, uma vez que a espessura depende do mesmo (Castro Curel, 1980, p. 142). O intervalo de pesos mais frequente em Chibanes é aquele que se situa entre os 20 e os 25 g (15 NMI = 28,85%), seguido do intervalo 15 a 20 g (10 NMI = 19,23%). Os mesmos intervalos de peso são igualmente os mais frequentes no conjunto de Cabeça de Vaiamonte, em que o intervalo de 15-20 g, representa 22,1%, seguido do intervalo 20-25 g com 18,5% do conjunto. Assim, e para os dois sítios arqueológicos, os intervalos entre os 15 e os 25 g concentram 40,6% do conjunto alentejano e 48,08% do conjunto aqui analisado. O mesmo cenário é observável em Los Castellares (De Sus Sus Giménez, 1986, p. 191) e em Castrejón de Capote (Berrocal-Rangel, Maffiotte e Ruiz Triviño, 1994, p. 212) onde assistimos a uma notável concentração nos valores 16, 18-20 e 24-25 g.

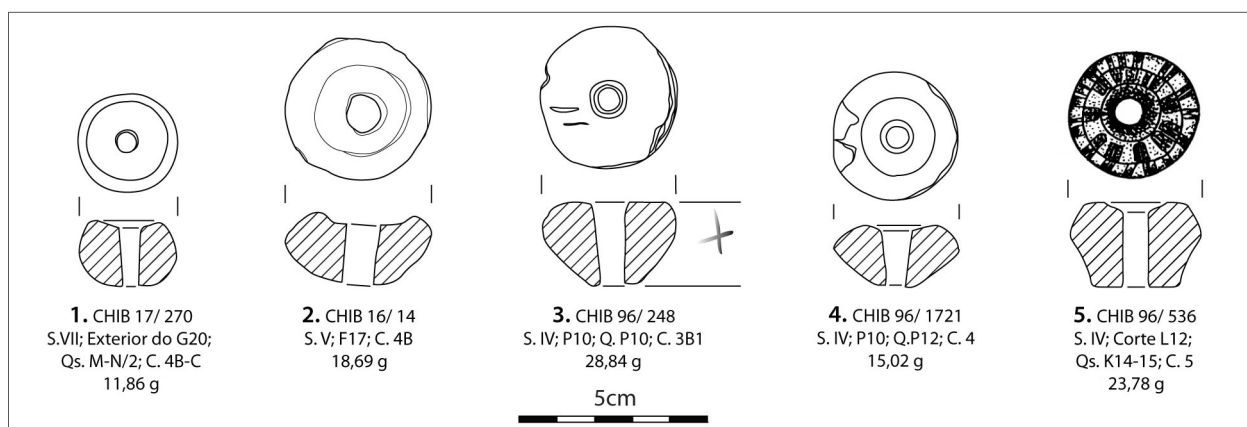


Fig. 2 – Chibanes. Cossoiros cerâmicos recuperados em contextos da Fase II – Idade do Ferro – Loci L12, P10, F17 e Exterior do G20 – Tipos A (n.º1) e E (n.º2-5). Desenho de Jorge Costa: n.º5.

Estes valores favoreciam especialmente a criação de fios de espessura média (Antón Peset, 2018, p. 241), apesar de não podermos ignorar a presença de 15 cossoiros com pesos superiores a 30 g que provavelmente, e segundo a mesma investigadora, serviriam para fios de maior espessura (*ibidem*), e outros sete exemplares com peso inferior a 15 g que sugerem a criação de fios muito finos (Alfaro Giner e Ocharan Ibarra, 2014, p. 47).

Os trabalhos de arqueologia experimental têm vindo a confirmar que o peso ideal para aproveitamento e rendimento do trabalho de fiação, se situa entre os 20 e os 30 gramas por cossoiro (22 NMI = 42,31%). A tensão produzida por cossoiros de 15 g favorece a quebra do fio e torna o processo mais lento e heterogéneo (Antón Peset, 2018, p. 242-244). Os cossoiros com um intervalo de peso entre os 15 e os 25 g produziram um fio de linho com uma espessura entre os 0,33 e os 0,47 mm e um fio de lã fina com 0,22 a 0,49 mm (*idem*, p. 242).

TÉCNICAS E MOTIVOS DECORATIVOS

As decorações surgem em 35 exemplares (35%), sendo que a maioria das decorações são aplicadas antes da cozedura (33 exemplares, 94,3% dos cossoiros decorados). Dois exemplares apresentaram incisões pós-cozedura (5,7%). A técnica decorativa maioritária, com 22 cossoiros, é a da impressão (62,86%), seguida pela incisão aplicada em 12 casos (34,28%); a junção de ambas as técnicas foi detectada em um caso (2,86%). A forma preferida para a aplicação dos motivos decorativos é a bitroncocónica assimétrica (E - 62,86%), seguida das formas bitroncocónicas simétricas (D - 14,29%), troncocónicas (C - 11,43%), cilíndrico-esféricas (G - 5,71%) e esféricas/calote esférica (A/H - 2,85% cada). As decorações são associadas exclusivamente aos fabricos locais-regionais e surgem maioritariamente em peças cozidas em ambiente redutor, que apresentam colorações enegrecidas nas suas superfícies (57,14%).

A presença de linhas radiais e oblíquas incisadas encontra-se representada em um total de dez exemplares: em nove foram realizadas antes da cozedura (Fig. 3, n.ºs 11, 12; Fig. 4, n.ºs 33, 39, 43 e 45); apenas um cossoiro apresenta decoração de linhas incisadas após a cozedura. Os motivos apresentados são variados e compostos por uma única linha radial, e conjuntos de duas, três ou seis linhas radiais paralelas, surgindo ainda composições com linhas oblíquas que formam “V s”. Estas composições são comuns aos demais conjuntos de cossoiros de cronologia idêntica como de Castrejón de Capote (Berrocal-Rangel, Maffiotte e Ruiz Triviño, 1994) e Cabeça de Vaiamonte (Pereira, 2013). Esta

técnica decorativa surge em cossoiros troncocónicos (C), bitroncocónicos simétricos (D) e assimétricos (E), sendo preferencialmente disposta na aresta superior e topo da peça, existindo dois casos onde são aplicadas em ambas as áreas. Os exemplares que apresentam perfis completos oferecem pesos que se inserem nos grupos de intervalo de pesos entre 20 e 35 g (21,16 - 23,38 - 27,07 - 30,12 - 33,69 g). Quanto à distribuição espacial destes cossoiros ocorrem nas camadas 2 e 3 do Corte L12 (Fases IIIA e IIIB) e na camada 2 dos *Loci* A11, G20 e H2 (Fase IIIB).

As linhas impressas a pente antes da cozedura surgem em cinco cossoiros (Fig. 5, n.º 62; Costa, 1910, p. 67, Est. VI, fig. 498) pertencentes aos tipos esférico (A) e bitroncocónico assimétrico (E), sendo que o peso dos dois exemplares completos é de 14,33 e 23,78 g. As composições decorativas com linhas surgem simultaneamente no topo e aresta superior, mas também isoladas no topo e/ou na lateral. Esta técnica encontra-se representada em todas as fases de ocupação, registando-se na bolsa S-T/17 do *Locus* T16 (Fase IIIB), na camada 3 do *Locus* R14 (Fase IIIA), bem como na zona exterior da muralha, Corte L12 (Fase II).

A decoração de pontos circulares impressos, realizados antes da cozedura, representa o outro conjunto numericamente mais expressivo, com um total de oito exemplares, dos quais seis cossoiros apresentam pontos impressos sem matriz (Fig. 3, n.º 8; Fig. 4, n.ºs 34, 40; Fig. 5, n.ºs 54, 58, 66), sendo que os únicos exemplares de perfil completo apresentam pesos de 18,31 e 21,26 g. Este motivo ocorre nos cossoiros de perfil bitroncocónico simétrico (D) e assimétrico (E), bem como em um de perfil cilíndrico-esférico (G). A decoração apresenta-se maioritariamente na aresta superior destas peças, sendo que os motivos variam entre a presença de um ponto isolado (2 NMI) ou vários (2, 4, 7 e composição de 10-21). A distribuição estratigráfica deste motivo decorativo surge no *Locus* R14, 1.ª fase de ocupação do período romano-republicano (Chibanes IIIA) e na 2.ª fase de ocupação (Chibanes IIIB), nos *Loci* J17, H2 e no Corte L12. Os exemplares completos foram exumados de níveis superficiais do Sector XII e do *Locus* M11 da zona oriental do sítio arqueológico (Chibanes IIIB).

Foram ainda identificados dois cossoiros com decoração de círculos impressos com matriz, realizados *ante coctionem* (Fig. 4, n.º 29) no interior da depressão central que ostentam no topo. Estes cossoiros pertencem ao tipo troncocónico (C) e bitroncocónico assimétrico (E). Um deles foi exumado na camada da 2.ª fase de ocupação romana republicana do *Locus* R14,

enquanto outro se encontra descontextualizado, tendo sido recuperado na camada superficial do *Locus* R16 da zona oriental. Esta decoração, elaborada com recurso a matriz circular, também foi identificada em 36 exemplares de Cabeça de Vaiamonte (Monforte, Portalegre) (Pereira, 2013), Cáceres el Viejo (Pereira, 2021a), *Libisosa* (Lezuza, Albacete) (Uroz Rodríguez, 2020, p.

75, Fig. 7.1. – LB110951), ou Conímbriga, com um cossoiro cónico cujo topo se apresenta profusamente decorado com quatro possíveis signos paleohispânicos vocálicos incisos (↑ - *u/ bi*) e por um motivo cruciforme preenchido com vários círculos impressos com matriz (Alarcão e Étienne, 1979, p. 51, Est. XI – 154). Este mesmo signo paleohispânico surge impresso antes da

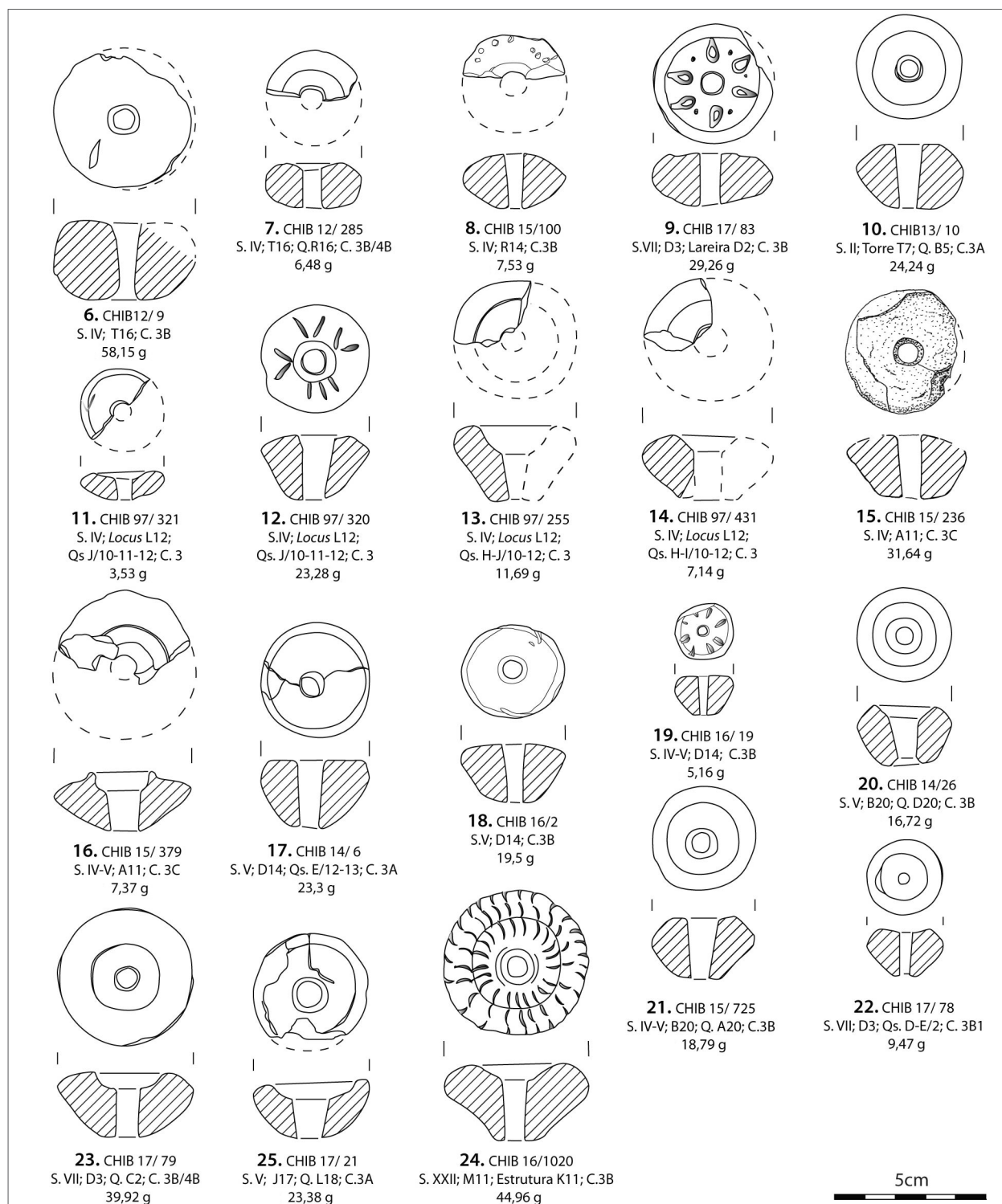


Fig. 3 – Chibanes. Cossoiros cerâmicos recuperados em contextos da Fase IIIA – 1.ª fase de ocupação romana republicana - Torre T7, *Loci* L12, T16, D14, R14, A11, B20, J17, D3 e M11 – Tipos A (n.º 6), D (n.ºs 7-9), E (n.ºs 10-24) e H (n.º 25).

cozedura e repetido por 11 vezes em um exemplar de Chibanes (Fig. 4, n.º 46) do tipo E com 19,46 g, que foi recuperado na camada 2 do *Locus* L12 (Chibanes IIIB).

Igualmente com uma possível leitura epigráfica surgem os três exemplares que apresentam motivos cruciformes incisos (Fig. 2, n.º 3; Fig. 4, n.º 45), que poderão também representar um signo paleohispânico silábico (*X - ta*), e que são algo frequentes em outros contextos como Cáceres el Viejo (Pereira, 2021a), Cabeça de Vaiamonte (Pereira, 2013), Castelo da Lousa (Pinto e Schmit, 2010, p. 438, Est. CXLI, n.º 25-27), Castelo Velho de Safara (Soares, 2001, p. 62; Costa, 2010, p. 72 - Est. XXVIII) e Azougada (MNA 46684 - matriznet.dgpc.pt). Os signos cruciformes incisos realizados *ante-coctionem* encontram-se: isolado (Fig. 2, n.º 3) e com outro signo inciso linearmente (Fig. 4, n.º 45). Estes cossoiros pertencem aos tipos bitroncocónico assimétrico (E - 2 NMI) e em calote esférica (H - 1 NMI), sendo que os seus pesos oscilam entre os 21,16, 28,84 e 53,04 g, tendo sido exumados da camada 2 do *Locus* L12 (Fig. 4, n.º 45) (Chibanes IIIB), e da camada 3 do *Locus* P10 (Fig. 2, n.º 3) (Soares e Tavares da Silva, 2014) (Chibanes II).

Por entre este conjunto de decorações impressas, julga-se que os cinco exemplares que apresentam as impressões do tipo “cabeça de agulha” apresentam o motivo mais original (Fig. 3, n.º 9; Fig. 4, n.º 47; Fig. 5, n.ºs 48, 65; Costa, 1910, p. 67, Est. VI, fig. 498), apontando para o cuidado que os produtores destes objectos lhes imprimiam, ao deixar uma marca da função dos mesmos. Arriscamo-nos a propor que fossem as próprias fiandeiras a produzir e a imprimir estes motivos decorativos com recurso aos objectos de que dispunham, neste caso, as agulhas. Estas marcas surgem em cossoiros de perfil bitroncocónico simétrico (D), assimétrico (E) e cilíndrico-esférico (G), tendo sido elaborados manualmente (3 NMI) e através de molde (1 NMI). Os exemplares de perfil completo apresentam 23,35 e 29,26 g, e os motivos decorativos surgem impressos tanto no topo, como nas arestas. Apesar de um dos cossoiros ter sido recuperado de uma camada superficial, e outro incorporar a coleção de A. I. Marques da Costa (*ibidem*), os restantes encontram-se contextualizados na camada 2 do *Locus* L12 (Chibanes IIIB) e na estrutura D2 da camada 3 do *Locus* D3 (Chibanes IIIA). Quanto à morfologia das agulhas que imprimiram o seu negativo nestes cossoiros, quatro delas apresentariam cabeças de perfil losângico - coadunantes com os objectos metálicos deste tipo recuperados, por exemplo, na camada 4B do *Locus* T16; outro exemplar, recuperado no *Locus* D3, apresenta o negativo de uma cabeça de agulha de perfil

em “gota” - semelhante aos exemplares metálicos recuperados na camada 2B do *Locus* contíguo (G20), bem como na camada 3A do *Locus* J17.

Outro motivo integrado nas impressões realizadas antes da cozedura surge em três cossoiros que tiveram como matriz possíveis gramíneas ou outros elementos vegetais (Fig. 3, n.º 19; Fig. 4, n.º 28; Fig. 5, n.º 55). Estas decorações surgem em qualquer área das peças (topo, aresta superior, lateral), de perfil troncocónico (C) e bitroncocónico assimétrico (E). Estes cossoiros foram exumados da camada 2 dos *Loci* R14 e R16 (Chibanes IIIB), bem como na camada 3 do *Locus* D14 (Chibanes IIIA). No caso do exemplar troncocónico de perfil completo, de 32,12 g, o mesmo parece ostentar, para além das linhas impressas por elementos vegetais, dois possíveis elementos incisos na superfície lateral que poderão representar os signos paleohispânicos silábicos (*u + to*), já analisados neste volume pelo Professor Doutor José António Correa (*vide* Capítulo XVI). As impressões com recurso a gramíneas e outros elementos vegetais encontram-se atestadas em 21 exemplares de Cabeça de Vaiamonte (Pereira, 2013), onde surgem maioritariamente dispostas no topo e na aresta superior das peças de perfil bitroncocónico (71,4%).

As unguiações decorativas aplicadas antes da cozedura também surgem em três exemplares (Fig. 3, n.º 19; Fig. 4, n.º 47), sendo que um deles conjuga este motivo, com a impressão de tipo “cabeça de agulha” de perfil losângico (Fig. 4, n.º 47). Este motivo decorativo surge exclusivamente nos cossoiros de perfil bitroncocónico assimétrico (E), localizando-se no topo e aresta superior destes objectos (2 NMI) ou cingindo-se apenas ao topo (1 NMI). O único exemplar completo possui 44,96 g. Estes cossoiros foram recolhidos quer em nível superficial, como na camada 2 do Corte L12 (Chibanes IIIB) e no interior da lareira K11 da camada 3 localizada no *Locus* M11 (Chibanes IIIA), junto à Torre K16 numa área de armazenagem. A impressão com recurso a unguiações também surge em 13 exemplares de Cabeça de Vaiamonte (Pereira, 2013).

Pesos de tear

Encontraram-se (Fig. 6) apenas três exemplares de pesos de tear (l. *pondera*), que em muito contrastam com o número de cossoiros. Tal como sucede com estes, também nos pesos de tear a massa se apresenta como um factor determinante para a extensão e manutenção dos fios do tear em constante tensão e paralelismo. Para que tal suceda é fundamental que os pesos dos diferentes *pondera* sejam idênticos, embora admitindo pequenas oscilações (Castro Curel, 1985, p. 232). Não obstante, e tal como observado neste sítio

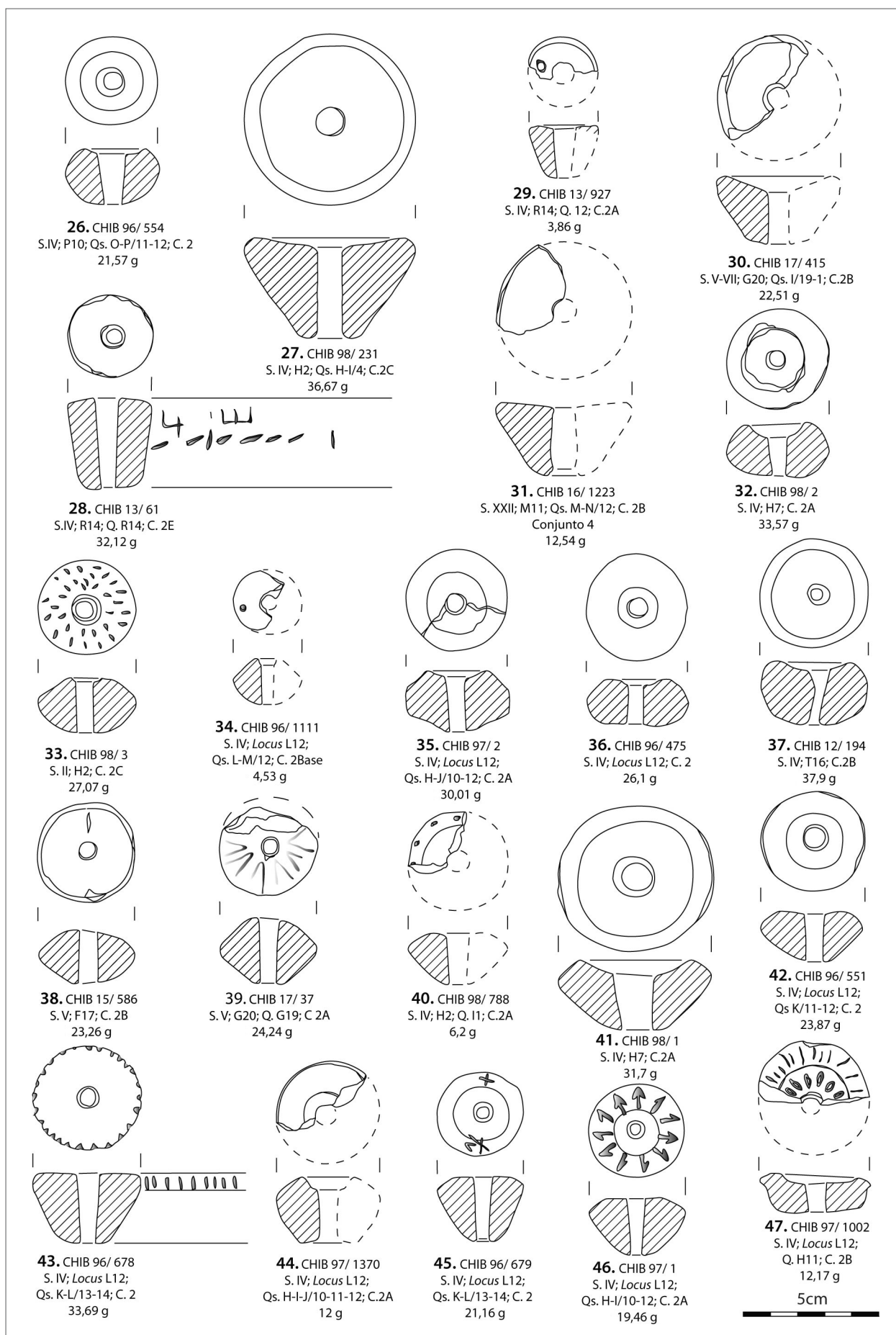


Fig. 4 – Chibanes. Cossoiros cerâmicos recuperados em contextos da Fase IIIB – 2.^a fase de ocupação romana republicana- Loci H2, H7, L12, P10, T16, R14, F17, G20 e M11 – Tipos A (n.º 26), C (n.ºs 27-31), D (n.ºs 32-39) e E (n.ºs 40-47).

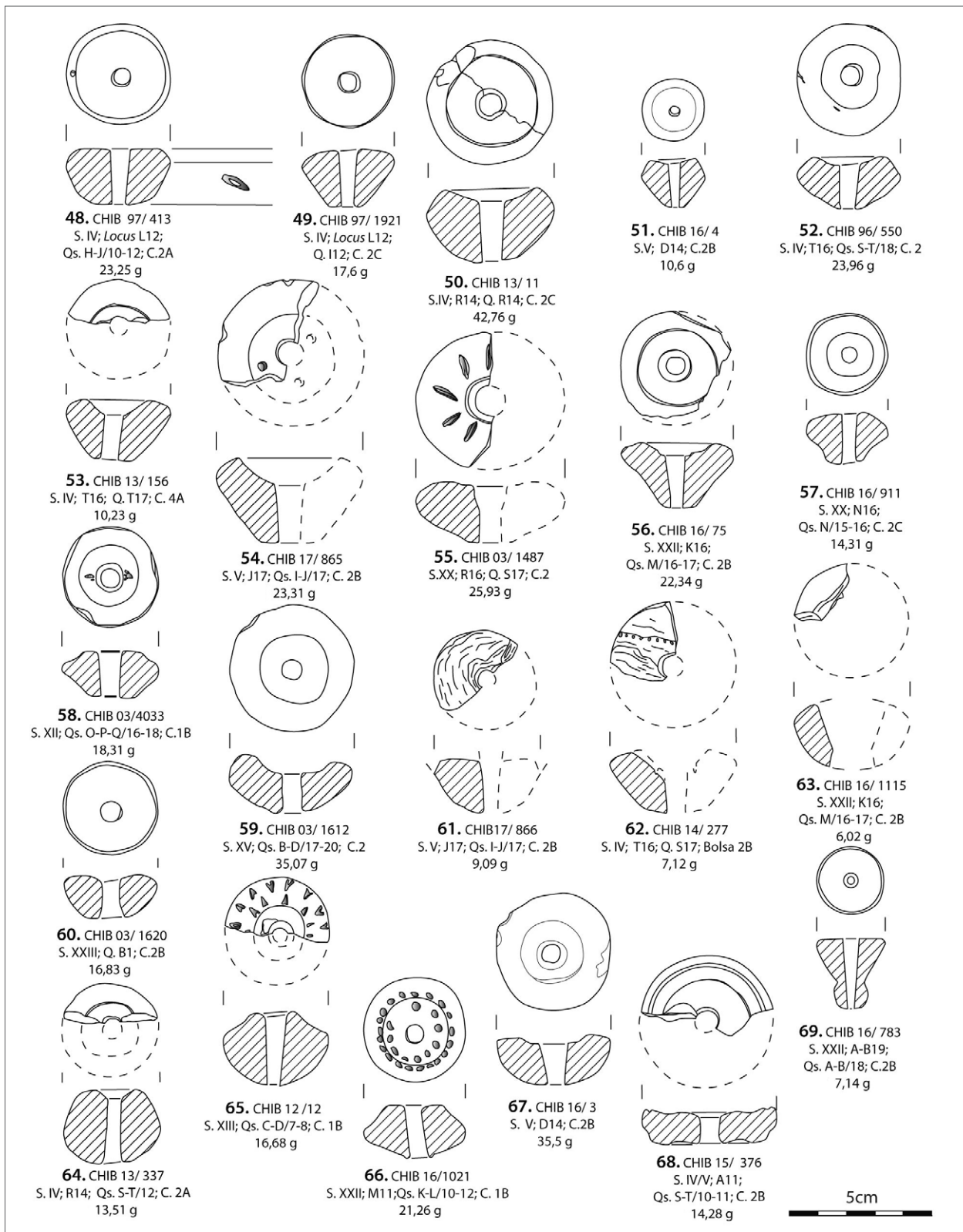


Fig. 5 – Chibanes. Cossioiros cerâmicos recuperados em contextos da Fase IIIB – 2.^a fase de ocupação romana republicana - Loci L12, T16, R14, A11, D14, J17, N16, R16, A-B/19, M11 e K16 – Tipos E (n.ºs 48-63), F (n.º 64), G (n.ºs 65-66), H (n.º 67) e I (n.ºs 68-69).

arqueológico, o achado deste tipo de artefactos em povoados é relativamente escasso e de fraca concentração intramuros (*idem*). Um tear vertical, com cerca de um metro de largura (*idem*), pressuporia a utilização de um número considerável de pesos, cerca de 50, que

seriam suspensos através dos orifícios transversais.

Apesar de ser amplamente aceite pela comunidade científica que este tipo de objectos prismáticos, que ostentam orifícios transversais, representam de facto pesos de tear, confirmados aliás pelos numerosos

exemplos de conjuntos exumados em contextos da Idade do Ferro ou do período Romano, a verdade é que têm surgido outras hipóteses funcionais que poderiam justificar, não só o peso excessivo e incomportável para uma utilização no tear vertical de alguns exemplares, mas também a recuperação isolada destes artefactos.

Os estudos acerca destes materiais avançam com a proposta de que o seu peso não deveria ultrapassar os 500-700 gramas; caso ocorram pesos superiores, esses artefactos não deveriam ser considerados componentes de tear (Alfaro Giner, 1984, p. 7). Assim, para os exemplares mais pesados chegou a julgar-se que poderiam funcionar como ponderais, tendo por base a onça romana (l. *uncia*) e os seus múltiplos, que deveriam ser utilizados em contextos domésticos e de trocas ocasionais (Martín Gil *et al.*, 1995, p. 73). Esta hipótese poderia justificar a associação de marcas e grafitos, que muitos ostentam, como forma de representação esquemática do seu valor ponderal. No entanto, esta hipótese tem vindo a ser afastada, uma vez que em muitos destes conjuntos a mesma marca surge associada a pesos distintos. Foram ainda avançadas outras hipóteses funcionais como pesos de rede de pesca, ou como contrapesos para sujeição de telhados de cabanas (Castro Curel, 1978, p. 192). No entanto, tal como recentemente comentado por Francisco B. Gomes, esta deve ser entendida como uma classificação “neutra” não impeditiva de outro carácter funcional (Gomes, 2020, p. 18).

À semelhança do que foi aplicado ao conjunto de cochoiros, decidimos integrar estes *pondera* em uma tipologia previamente estabelecida, neste caso para o sítio de Cabezo de Alcalá (Azaila, Teruel) (Beltrán Lloris, Hostalac Carrillo e Guiral Pelegrín, 1995, p. 297, fig. 93), que tem por base as figuras geométricas e o número de orifícios de suspensão. Os dois exemplares de perfil completo de Chibanes pertencem à forma paralelepípedica com um único orifício de secção transversal circular situado na face rectangular de maior dimensão, atravessando a espessura da peça. Corresponde ao tipo 2.1 daquela tipologia, com paralelos em outros sítios de ocupação romana-republicana: Castelo da Lousa (Pinto e Schmit, 2010, p. 326, Est. CXLV, n.º 8), com cinco exemplares; Cáceres el Viejo (Pereira, 2021a), com um exemplar; Alto dos Cacos (Pimenta, Mendes e Henriques, 2014, p. 273, Fig. 16-2), também com um exemplar. Os três exemplares de Chibanes pertencem ao mesmo fabrico, de muito provável origem local-regional, caracterizado por pastas de coloração alaranjada. As superfícies apresentam-se alisadas, e as dimensões padronizadas, facto que parece apontar para a utilização de molde.

Os orifícios destes *pondera* cerâmicos são de feição sub-circular e apresentam diâmetros que rondam os 2 cm. Foram efectuados nas faces frontais antes da cozedura, sendo visíveis as marcas de uso produzidas pelos fios que os suspenderam. À semelhança do que sucede com os conjuntos de *pondera* de Bilbilis, Azaila, Bovina de Vinaceite, Calaceite (*apud* Benavente *et al.*, 1985-86, p. 133), Monte dos Castelinhos (Santos, 2015), Cabeça de Vaiamonte e Cáceres el Viejo (Pereira, 2021a), também este conjunto apresenta apenas um orifício de suspensão.

A altura média situa-se em 14,4 cm, registando-se valores de 14,3 e 14,5 cm. Quanto à largura, varia entre os 10 e os 10,8 cm, sendo a média de 10,4 cm. A espessura varia entre os 7,2 e os 7,7 cm, com uma média de 7,45 cm. Com base na altura máxima conservada, estes exemplares integram o Grupo C (>130 mm) da tipologia criada para o Castelo de Alcácer do Sal (Sepúlveda *et al.*, 2007, p. 273), encontrando em Cáceres el Viejo um exemplar do mesmo tipo 2.1 que integra o mesmo grupo (Pereira, 2021a).

Quanto à aplicação de técnicas decorativas, os dois exemplares de perfil completo apresentam-se decorados com a mesma técnica e temática: três círculos com matriz, cuja aplicação equidistante forma um triângulo, impressos no topo das peças e que foram elaborados *ante-coctionem*. A mesma técnica e motivo, de círculos perfeitos produzidos na argila fresca é comum em outros contextos romano-republicanos: Cáceres el Viejo, onde surge um círculo isolado, também ele aplicado no topo da peça (Pereira, 2021a, Fig. 8, n.º 59); Numância (Arlegui Sánchez e Ballano Soriano, 1995, p. 149-150); La Guardia de Alcorisa (Castro Curel, 1985, p. 250); Castelo de Alcácer do Sal (Sepúlveda *et al.*, 2007, p. 274, Est. 4, n.ºs 24-25); Monte dos Castelinhos (Santos, 2015, p. 78) e em dois exemplares descontextualizados recolhidos nas povoações de Penedo e Maxial (Luna *et al.*, 2019, p. 23, fig. 8, n.º 4 e fig. 13, n.º 9).

Quanto à dispersão espacial destes achados, apenas um dos exemplares, de perfil incompleto, é proveniente do Sector Oriental (*Locus* C-D/19, camada 2B), os dois exemplares de perfil completo que apresentam as mesmas características morfológicas e decorativas (Fig. 6), foram recuperados na Zona Ocidental do povoado, nas camadas de ocupação da 1.ª fase do período romano-republicano nos *Loci* P10 e B20 (Chibanes IIIA), que pertencem respectivamente aos edifícios A e C.

Há ainda que deixar em aberto a hipótese dos três pesos de rede cerâmicos de perfil bitroncónico, dois dos quais recuperados nas intervenções de A.I. Marques da Costa (1910, p. 67, figs. 503-504), e um outro da 1.ª fase de ocupação do período



Fig. 6 – Chibanes. *Pondera* cerâmicos com decoração de três círculos impressos no topo.

romano-republicano do *Locus D3* (vide Capítulo XIII, Fig. 47), poderem ter funcionado como pesos de tear. Esta utilização já havia sido proposta naquela publicação antiga: “(...) *teem a mesma fôrma que os cossoiros, de que apenas differem em ter maiores dimensões. Em tudo estes pesos são semelhantes aos actuaes pesos de rede, a que os pescadores de Setúbal dão o nome de bodos. Estes objectos tambem poderiam servir para pesos de tear.*” (Marques da Costa, 1910, p. 67). No mesmo artigo surge igualmente ilustrado um provável fuso de osso (*idem*, p. 59, fig. 442), cuja extremidade distal aguçada apresenta ranhuras circulares que deveriam servir para o melhor encaixe do cossoiro e empate da linha (Fig. 7).

Agulhas metálicas

Apesar de a indumentária grega e romana se basear na utilização de técnicas de drapeado, com sujeição de telas de tecido directamente sobre o corpo, e sem recurso a qualquer costura (Alfaro Giner, 1997, p. 61), podemos calcular a utilização de sovelas e agulhas para a costura em tecidos com funções bastante variadas, como os elementos de sacaria ou o vestuário militar elaborados em couro, bem como nos tecidos para tendas que eram compostos por fibras vegetais mais espessas.

Em Chibanes foram recuperadas um total de seis agulhas de liga de cobre (Fig. 8), número semelhante ao conjunto recuperado em Cáceres el Viejo (Pereira, 2021b), mas bastante distinto dos 63 fragmentos recuperados no sítio arqueológico de Cabeça de Vaiamonte (Pereira, 2018, p. 268-270), onde também foram recuperados: pentes de cardar, sovelas, uma roca, e o maior conjunto peninsular de cossoiros, com 1660 exemplares. As agulhas identificadas naquele sítio alentejano permitiram a criação de um quadro tipológico (Pereira, 2018, Apêndice IV.9) que tem por base aspectos morfológicos, como o perfil (direito – A; virote – B), o olhal da cabeça (oval – I; losângico – II; duplo – III; sub-rectangular – IV), o comprimento máximo das agulhas (pequena <5 cm – a; média 5,1-10 cm – b; grande >10 cm – c) e as secções do corpo e do terminal (circular – 1; oval – 2; rectangular – 3; quadrangular – 4).

Este conjunto apresenta-se na sua totalidade com hastes de perfil direito (tipo A), apresentando olhais variados, com três exemplares de feição circular ou em “gota” (I), dois exemplares de perfil losângico (II) e apenas um de olhal sub-rectangular (IV). As hastes apresentam secção circular (4 exemplares – .1) ou sub-quadrangular (2 exemplares – .4) e terminais de secção circular na sua totalidade (3 exemplares – 1) ou rectangular (1 exemplar – 3). Quanto aos comprimentos máximos observados, cinco das agulhas pertencem ao grupo das médias (b.) uma vez que apresentam comprimentos que variam entre os 5,5 e os 8,1 cm, e apenas um exemplar pertence ao grupo das pequenas (a.), uma vez que apresenta 4,1 cm de comprimento máximo conservado. Em Cabeça de Vaiamonte, e à semelhança do que sucede com este conjunto, a maioria das agulhas apresenta dimensões médias (Pereira, 2018, p. 269).

A espessura destes objectos, bem como os olhais estreitos deste conjunto de agulhas parece apontar para uma utilização com fios mais finos, como poderá ser o caso do linho (Alfaro Giner, 1997, p. 61), apesar

de dois dos exemplares de olhal em “gota” apresentarem uma maior dimensão, que parece ser adequada a um trabalho de fios mais espessos como os de lã. No caso deste conjunto, a espessura dos fios utilizados nas agulhas que apresentam olhais conservados, situa-se entre os 0,5 e os 1,2 mm. No entanto, a largura máxima das agulhas de perfil completo situa-se entre os 2 e os 3,2 mm, sendo esta a largura máxima do orifício da costura que as mesmas produziram no tecido, próxima da observada no santuário rupestre de La Nariz (Moratalla, Múrcia), onde foi recuperado um pequeno fragmento de tecido, formado por finos fios de lã de elevada qualidade, cujos orifícios circulares da costura não ultrapassavam os 3-4 mm (Alfaro Giner e Ocharan Ibarra, 2014, p. 45). Os conjuntos de Cabeça de Vaia Monte (Pereira, 2018, p. 269), e de Cáceres el Viejo (Pereira, 2021b) apresentam larguras máximas relativamente maiores, que variam entre os 3 e os 4,5 mm.

O achado destas agulhas metálicas cinge-se às fases do período romano-republicano observadas no Edifício B (*Locus* T16) e no Edifício C, em particular nos *Loci* J17 e G20 (Fig. 9A).

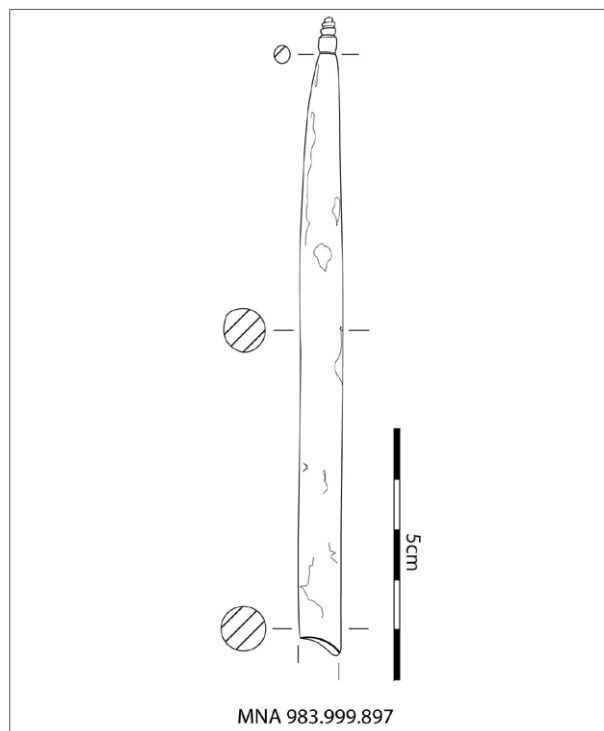


Fig. 7 - Chibanes. Fragmento de fuso de osso, recuperado nas escavações de A. I. Marques da Costa (comprimento máximo - 12,6 cm, espessura máxima - 1 cm). Desenho obtido a partir de foto disponível em <http://matriznet.dgpc.pt>

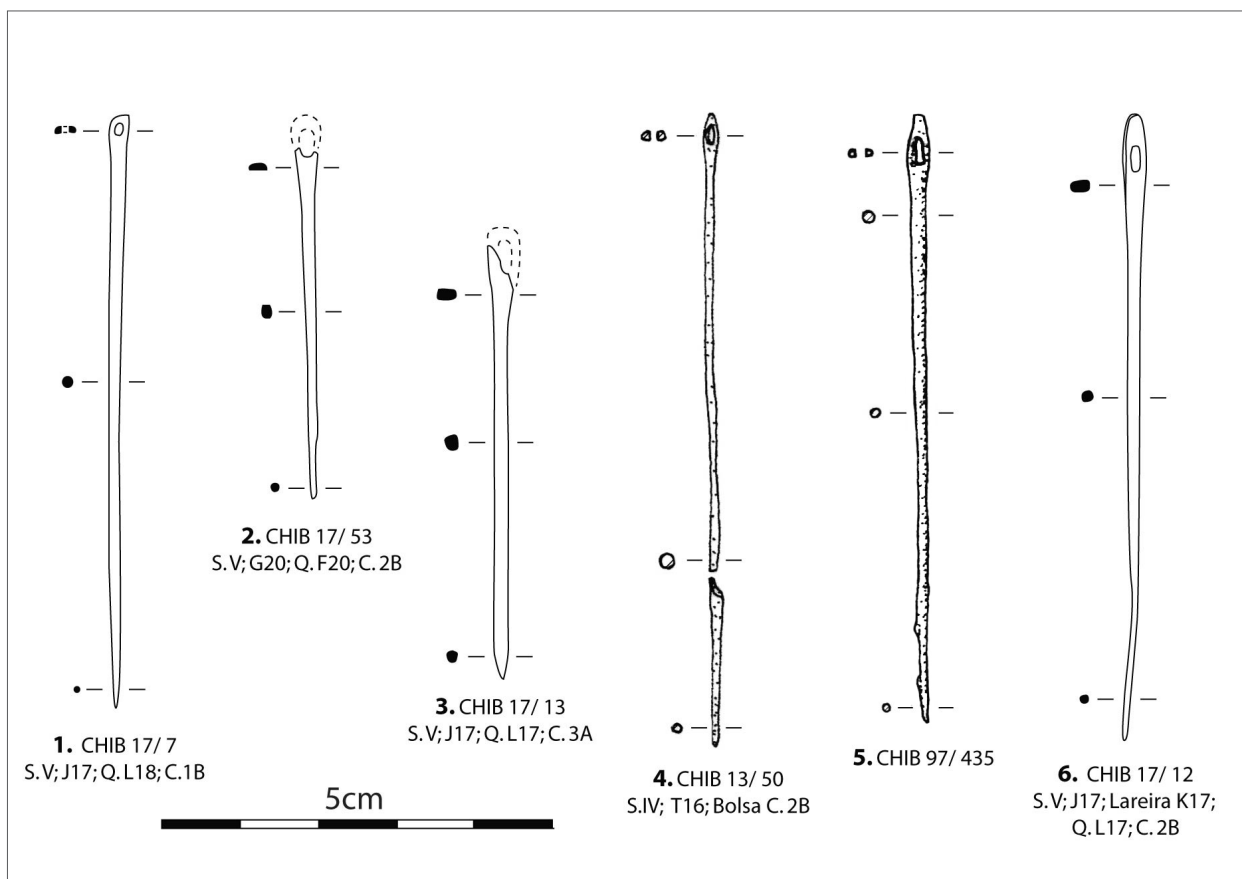
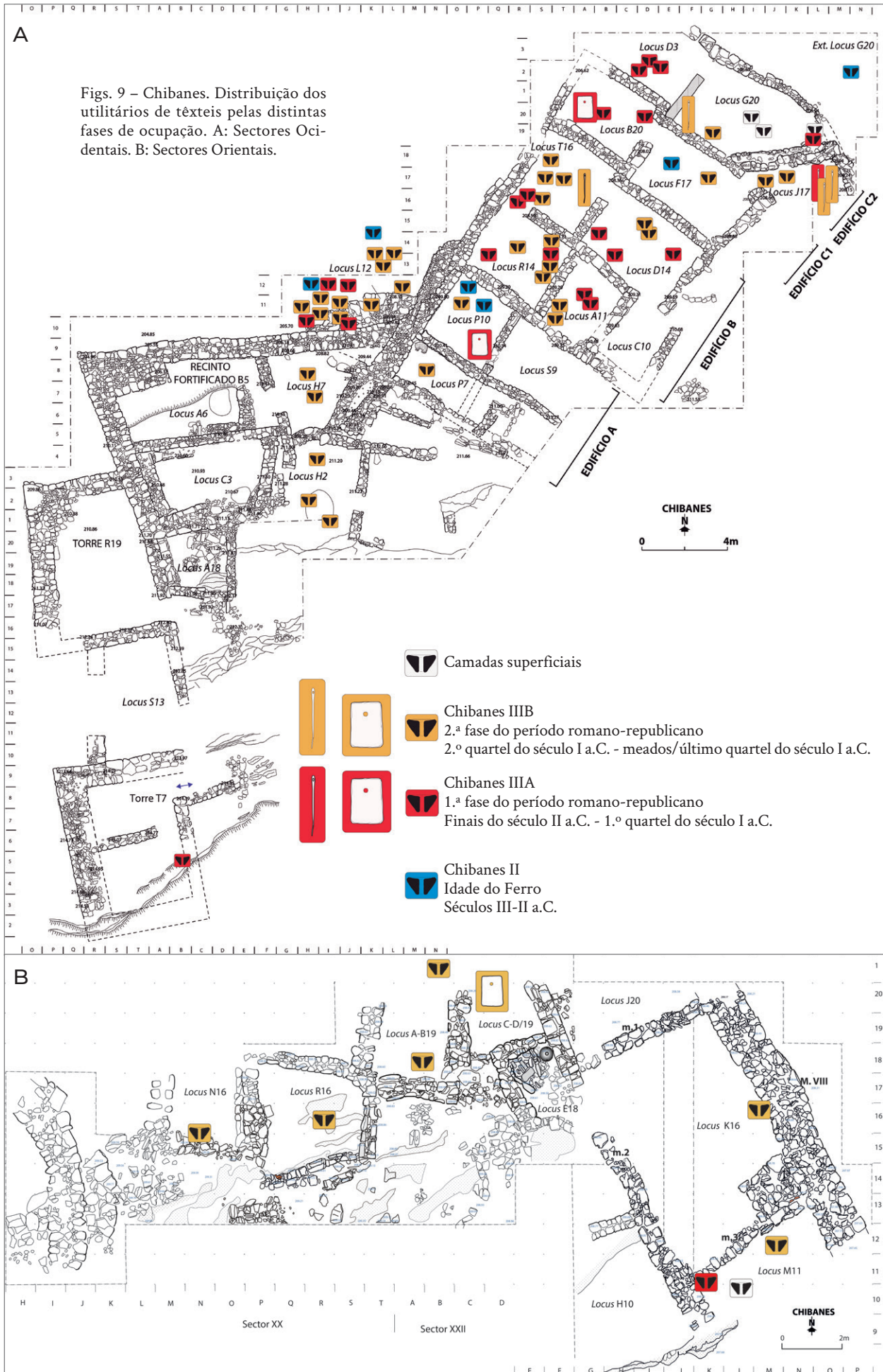


Fig. 8 – Chibanes. Agulhas de liga de cobre.



Comentários finais acerca do instrumental têxtil de Chibanes

O conjunto de instrumental têxtil recuperado em Chibanes, que engloba 100 cossoiros, três pesos de tear, seis agulhas metálicas e um provável fuso de osso, é revelador de trabalho textil em âmbito local, desde a fiação à tecelagem, provavelmente relacionada com as necessidades quer dos habitantes deste povoado, quer do exército romano-republicano que ali deveria ter estado instalado. A chegada de contingente militar deverá ter aumentado exponencialmente a necessidade de têxteis que fariam face à produção de vestuário, à criação de tecidos para tendas, ou ainda a manufatura de sacaria, cestos e cordas que se revestiam de um carácter multifuncional, fundamentais para o aprovisionamento, a logística e a construção (Pereira, 2018, p. 266).

O conjunto de utilitários de têxteis recuperado em Chibanes revela a sua importância, numericamente expressiva no que diz respeito ao conjunto de elementos relacionados com a fiação (cossoiros e fuso). Estes em muito contrastam com os escassos *pondera* relacionáveis com as actividades de tecelagem (Fig. 9). Esta escassez de pesos de tear paralelepípedicos poderá ser justificada quer pela utilização de elementos de dupla funcionalidade como os pesos de rede cerâmicos, quer pela utilização de materiais líticos expeditos sem afeição e/ou vestígios de uso que permitissem a sua identificação em contexto de escavação. Outro motivo para esta aparente inexpressividade poderá dever-se ao facto de ainda não ter sido escavado um contexto associável a tear vertical *in situ*, realidade facilmente identificável pela presença de dezenas de *pondera*. Em comparação com outro sítio de ocupação militar/ militarizada do período romano-republicano como Cáceres el

Quadro 1 – Comparação dos registos de utilitários de têxteis de Chibanes com outros contextos romanos-republicanos da *Ulterior*.

	Área	Cossoiros	Pesos de tear	Agulhas
Chibanes	1 ha	100	3	6
Cabeça de Vaiamonte (1)	8,5 ha	1660	26	63
Cáceres el Viejo (2)	30 ha	15	78	4
Castelo da Lousa (3)	13 ha	82	107	0
Monte dos Castelinhos (4)	10 ha	26	177	1

(1) Pereira, 2018; (2) Pereira, 2021a; (3) Pinto e Schmitt, 2010; Ruivo, 2010; (4) Pimenta, n.p.

Viejo onde a fiação se encontra escassamente representada (Quadro 1), o nosso conjunto destaca-se pelo número considerável de cossoiros, próximo do número obtido no contexto doméstico do Castelo da Lousa, mas bastante distante do conjunto de Cabeça de Vaiamonte, de provável carácter ritual.

Por fim, devemos considerar a presença do género feminino no contexto militar romano-republicano de Chibanes, uma vez que as actividades de fiação e tecelagem estariam culturalmente a elas ligadas. No entanto, não podemos afastar a participação masculina em parte do processo de obtenção das fibras animais e vegetais, expressas, por exemplo, nas actividades de tosquia.

Bibliografia

- Alarcão, J. de; Étienne, R. (1979) - *Fouilles de Conimbriga*, Vol. VII. Paris.
- Alfaro Giner, C. (1984) - *Tejido y cestería en la Península Ibérica: historia de su técnica e industrias desde la prehistoria hasta la romanización*. Madrid.
- Alfaro Giner, C. (1997) - *El tejido en época romana (Cuadernos de Historia, 29)*. Madrid: Arco Libros.
- Alfaro Giner, C.; Ocharan Ibarra, J. A. (2014) - Fragmento de tejido ibérico (S. II a.C.) del santuario rupestre de la Nariz (Moratalla, Murcia). In *amicitia. Miscel·lània d'estudis en homenatge a Jordi H. Fernández* (Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza y Formentera, 72), p. 35-51.
- Antón Peset, M.^a E. (2018) - *De la tierra al telar el hilado en Edetania y Contestania entre los siglos V a.C.- III d.C. Aspectos técnicos, económicos y sociales*. Dissertação de Doutoramento em Geografia e História, apresentado à Universidade de Valência.
- Arlegui Sánchez, M.; Ballano Soriano, M. (1995) - Algunas cuestiones acerca de las llamadas pesas de telar: los 'pondera' de Numancia, 'Cuesta del Moro' y 'Las Quintanas' (Langa de Duero), y 'Castiliterreño' (Izana). In F. Burillo Mozota (coord.), *III Simposio sobre los celtíberos. Poblamiento celtibérico*. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, p. 141-157.
- Bargão, P. (2017) - *O castro de Segóvia: estudo monográfico de um sítio arqueológico no Alto Alentejo*. Dissertação de Doutoramento em História, especialidade de Arqueologia, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Beltrán Lloris, M.; Hostalac Carrillo, A.; Guiral Pelegrín, C. (1995) - *Azaila. Nuevas aportaciones deducidas de la documentación inédita de Juan Cabré Aguiló*. Zaragoza: Institución Fernando el Católico.
- Benavente, J. A.; Juste, N.; Perales, M.^a P.; Picazo, J. V.; Sancho, A. (1985-86) - Tiro de Cañon (Alcañiz): Materiales cerámicos II, líticos, metálicos y óseos. *Kalathos*, 5-6, p. 107-152.
- Berrocal-Rangel, L. (1989) - El asentamiento «celtico» del Castrejon de Capote (Higuera la Real, Badajoz). *CuPAUAM*, 16, p. 245-295.
- Berrocal-Rangel, L. (2003) - El instrumental textil en Cancho Roano: consideraciones sobre sus fusayolas, pesas y telares. In S. Celestino Pérez (dir.), *Cancho Roano. VIII-IX, Los materiales arqueológicos*. Mérida: Junta de Extremadura/ Consejería de Cultura, p. 211-298.

- Berrocal-Rangel, L.; Maffiotte, I. B.; Ruiz Triviño, C. (1994) - V. Las Fusayolas. In L. Berrocal-Rangel (coord.), *El altar prerromano de Castrejón de Capote. Ensayo etno-arqueológico de un ritual céltico en el suroeste peninsular*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, p. 201-230.
- Castro Curel, Z. (1978) - Piezas discoidales en yacimientos del N.E. de Cataluña. *Cypsela*, 2, p. 173-195.
- Castro Curel, Z. (1980) - Fusayolas Ibéricas, antecedentes y empleo. *Cypsela*, III, p. 127-145.
- Castro Curel, Z. (1984) - Notas sobre la problemática del tejido en la Península Ibérica. *Kalathos*, 3-4, p. 95-110.
- Castro Curel, Z. (1985) - Pondera. Examen cualitativo, cunatitativo, espacial y su relación con el telar con pesas. *Empúries*, 47, p. 230-253.
- Costa, A. I. M. da (1910) - Estações prehistoricas dos arredores de Setúbal: appendice: Homem protohistorico: idades do bronze e do ferro no Castro de Chibanes (conclusão). *O Archeologo Português*. 1.ª série, Vol.XV. Lisboa: Museu Ethnologico Português, p. 55-83.
- Costa, T. (2010) - *O Castelo Velho de Safara (Moura): elementos para o seu estudo*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- De Sus Giménez, M.ª L. (1986) - Fusayolas del poblado celtibérico de Los Castellares (Herrera de los Navarros, Zaragoza). I. Tipología y función. *Boletín del Museo de Zaragoza*, 5, p. 183-208.
- Fabião, C. (1996) - O povoado fortificado da Cabeça de Vaiamonte (Monforte). *A Cidade: revista cultural de Portalegre*, 11, p. 35-84.
- Fernández García, V. (2009) - Los trabajos femeninos en el “oikos” de la Grecia Clásica: la madre, la cuidadora, la administradora. *Cuestiones de género: de la igualdad y la diferencia*, 4, p. 15-50.
- Gomes, F. B. (2017) - Fusayolas de la necrópolis de Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal, Portugal): tipología, función y simbolismo. *SAGVNTVM*, 49, p. 43-59.
- Gomes, F. B. (2020) - Um conjunto de instrumental têxtil da Necrópole da I Idade do Ferro da Herdade do Pêgo (Ourique, Portugal). *Conímbriga*, LIX, p. 5-44.
- Kolbeck, B. (2018) - A Foot in Both Camps: The Civilian Suppliers of the Army in Roman Britain. *Theoretical Roman Archaeology Journal* 1(1), p. 1-8. <http://doi.org/10.16995/traj.355>
- Luna, I.; Encarnação, J.; Batalha, L.; Cardoso, G. (2019) - Pesos de tear romanos, com grafitos, provenientes de Torres Vedras. *Antrope*, 11, p. 16-37.
- Martín Gil, F.; Ramos Sánchez, M.ª C.; Barrio Arredondo, M.ª T.; Martín Ramos, P.; Martín Gil, J. (1995) - Las pesas de telar: un sistema ponderal com base en la uncia. *Acontia, Revista de Arqueología*, I, p. 73-86.
- Molina García, J.; Molina Grande, M.A.; Nordstrom, S. (1976) - *Coimbra del Barranco Ancho (Jumilla, Murcia)*. Valência: Diputación Provincial Valência.
- Pereira, M. L. (2016-17) - Os Cossoiros de Porto de Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos). *Cira Arqueologia*, 5, p. 55-74.
- Pereira, T. R. (2013) - Por um fio: tipologia e função do conjunto de cossoiros de Cabeça de Vaiamonte (Monforte, Portugal). In J. Arnaud, A. Martins e C. Neves (eds.), *Arqueologia em Portugal. 150 Anos (Actas do Congresso, Novembro de 2012)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 681-691.
- Pereira, T.R. (2018) - *O papel do exército no processo de romanização: a Cabeça de Vaiamonte (Monforte) como estudo de caso*. Dissertação de Doutoramento em História, especialidade de Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Pereira, T.R. (2021a) - Os utilitários de têxteis cerâmicos e metálicos: preparar, fiar, tecer. In C. Pereira e Á. Morillo Cerdán (eds.), *El campamento de Cáceres el Viejo. Una nueva aproximación de conjunto*.
- Pereira, T.R. (2021b) - Outros artefactos metálicos do acampamento militar romano-republicano de Cáceres el Viejo: as actividades do exército. In C. Pereira e Á. Morillo Cerdán, Á. (eds.), *El campamento de Cáceres el Viejo. Una nueva aproximación de conjunto*.
- Pimenta, J. (2013) - *Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo). Vila Franca de Xira e a Conquista Romana do Vale do Tejo (Catálogo da Exposição Museu Nacional de Arqueologia)*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.
- Pimenta, J. (n.p.) - *Monte dos Castelinhos e as dinâmicas de conquista romana da Península de Lisboa e Baixo-Tejo*. Dissertação de Doutoramento em História, especialidade de Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Pimenta, J.; Mendes, H.; Henriques, E. (2014) - O Acampamento militar romano do Alto dos Cacos – Almeirim. In C. Fabião e J. Pimenta (coords.), *Actas do Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo. Cira Arqueologia*, 3, p. 256-292.
- Pinto, I. V.; Schmitt, A. (2010) - Cerâmica comum. In J. de Alarcão, P. Carvalho e A. Gonçalves (coords.), *Castelo da Lousa: intervenções arqueológicas de 1997 a 2002, Studia Lusitana*, 5. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano de Mérida, p. 219-443.
- Ruivo, J. (2010) - Capítulo 7.9 – Espólio metálico. In J. Alarcão, P. Carvalho, A. Gonçalves (coord.), *Studia Lusitana*, 5. *Castelo da Lousa: intervenções arqueológicas de 1997 a 2002*. Mérida, p. 481-517.
- Santos, M. (2015) - Os pesos de tear identificados nos contextos romano republicanos do Monte dos Castelinhos. *Cira Arqueologia*, 4, p. 65-109.
- Sepúlveda, E.; Santos, P.; Faria, J. C.; Ferreira, M. (2007) - Cerâmicas romanas do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, 5: almofarizes de produção bética, pesos e cossoiros. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 10-2, p. 255-284.
- Soares, A. M. (2001) - Castelo Velho de Safara. Notícia preliminar. *Vipasca*, 10, p. 57-64.
- Soares, J.; Tavares da Silva, C. (2014) - O Projecto de Investigação Aqueológica «CIB» e a Campanha de escavações Chibanes/2012. *Musa*, 4, p. 75-98.
- Sousa, E.; Pimenta, J.; Mendes, H.; Arruda, A. M. (2016-2017) - A ocupação Proto-Histórica do Alto dos Cacos (Almeirim, Portugal). *Cira Arqueologia*, 5, p. 9-32.
- Uróz Rodríguez, H. (2020) - Textile production and aristocracy in the Ibero-Roman Oppidum of Libisosa (Lezuza, Albacete, Spain). In M. Bustamante-Álvarez, E. Sánchez López, J. Jiménez Ávila (eds.), *PURPURAE VESTES VII. Redefining Ancient Textile Handcraft: Structures, Tools and Production Processes*. Granada: Universidad de Granada, p. 67-78.
- Vidal y Lopez, M. (1952) - Tipología de las fusaiolas del Poblado Ibérico del “Cerro de San Miguel” de Liria. *Archivo de Prehistoria Levantina*, III, p. 147-154.
- Wild, J.-P. (2002) - The Textile Industries of Roman Britain. *Britannia*, XXXIII, p. 1-32.